

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: TECENDO SABERES NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO

Brenda de Almeida Cordeiro ¹
Célia Zeri de Oliveira ²

Introdução

O Programa de Residência Pedagógica, neste período inicial do primeiro semestre, possibilitou que o trabalho conjunto de docentes e discentes contribuísse em diversas formas no processo de ensino-aprendizagem entre todos os envolvidos. Desde os encontros iniciais para as apresentações do projeto e a familiarização com o que era proposto até o presente momento do relato, no qual os residentes estão atuando de forma assídua na escola, houve um desenvolvimento considerável na formação docente. Para basear a análise dessas experiências, será utilizado o FREIRE (2021) com o texto Pedagogia da Autonomia, e também, a BNCC (2018); em relação às vivências dentro da sala de aula, será considerado SOARES (2015).

Uma das coisas que confere destaque ao programa de residência, em comparação a um estágio “comum” obrigatório do curso, é o acompanhamento lapidável e reflexivo sobre os acontecimentos dentro e fora da escola. É possível pensar estratégias para resolução de problemas, discutir, formar oficinas e outros projetos; isto visando a melhoria e qualidade da educação dos alunos e a dos estagiários enquanto profissionais. No presente resumo, serão relatadas as experiências, sobretudo, do primeiro semestre com o ensino fundamental haja vista que no segundo semestre o trabalho se realizará com ensino médio.

Metodologia

Esse desenvolvimento foi constituído nos saberes entre teoria e prática. Estas, que durante todo o projeto têm dialogado de forma concomitante. Para essa realização, os residentes de Língua-Portuguesa foram divididos em três subgrupos orientados pelas respectivas três preceptoras do projeto. O planejamento das regências feito no subgrupo em que participo, ainda está em andamento. Todavia, vão ser relatadas contribuições feitas à preceptora responsável nas quais as dinâmicas se configuram como, de fato, é o trabalho

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará – UFPa, brend4lmeida@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Aveiro (Portugal). Docente em FALE e em PPGL/ILC/UFPa, celiazeri@ufpa.br.

diário de um professor da rede pública de educação básica, e neste relato, mais especificamente das séries finais do ensino fundamental.

Antes de ir à campo de forma concreta, nos reunimos algumas vezes para conhecer mais acerca do projeto, tanto o corpo teórico, quanto o que poderia ser construído em conjunto, a partir do plano inicial, por meio da discussão de ideias. Esses momentos importantes para que cada residente refletisse sobre a prática da docência, identificar facilidades e prováveis dificuldades de forma a contribuir com o outro de forma democrática, como defende FREIRE (2021):

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assumira que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 2021, p.37)

Nesse sentido, fomos nos habituando ao local onde iríamos pôr em prática os conhecimentos adquiridos no curso de licenciatura, e identificamos a falta de um espaço em especial. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho, apesar de ter recebido uma reforma no ano de 2019, oferecendo aos alunos diversos recursos como sala de informática, quadra poliesportiva, e um sistema adaptado para alunos com necessidades especiais, o que atribui à escola um valor de referência nesse sentido; toda reforma necessita de manutenção.

Nesse reparo também foi inclusa a sala de leitura, entretanto, não recebeu um valor concernente. Não houve uma administração necessária para organização dos livros, não era, de certo modo, até então, prioridade para o projeto pedagógico da escola. Isso fez com que a sala não fosse frequentada e não tivesse outra serventia além de guardar livros não usados. Essa falta nos foi identificada e se tornou uma questão motivadora para alguns professores da escola e os futuros residentes se empenharem em mudar o curso desse espaço.

Em novembro de 2022, foi escrito o projeto de revitalização da sala de leitura, que teve como objetivo principal estimular a leitura através de um espaço lúdico e convidativo aos alunos-leitores. A participação dos residentes na reunião para revisar e modificar o PPP (Projeto Político Pedagógico) já estava prevista, e a aprovação da sala de leitura no projeto da escola foi uma conquista do Programa de Residência.

Os professores, não apenas de língua portuguesa, sentiam falta de um espaço como esse e participaram ativamente do processo de revitalização junto aos residentes. Desde o trabalho de identificação, catalogação e organização dos livros, até o zelo com o espaço físico, como limpeza, a criação e confecção de ornamentos recreativos para enfeitar a sala, foi um trabalho mútuo entre as equipes. Meu subgrupo ficou responsável, entre outras coisas, por preparar o “Cantinho da Leitura”, o que mobilizou um trabalho de planejamento e confecção de um espaço convidativo e dinâmico.

Resultados e Discussões

No que concerne às práticas da sala de aula, comecei a acompanhar a professora-preceptora no dia 16 de março, uma vez na semana. Apenas na primeira, fui quinta-feira à tarde, e nos outros dias na quarta-feira de manhã, em outras turmas, das 7:30AM às 12:00PM. Nesse acompanhamento estão inseridas observações, orientações aos alunos, correção de provas e outras contribuições à professora. No decorrer desses feitos, muito pude refletir sobre aspectos estruturais da escola, a relação entre os professores, corpo escolar e alunos, como bem expõe FREIRE (2021):

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É o pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2021, p.38).

As experiências na sala de aula incluem o 6º, o 7º e o 8º ano. Permito-me focalizar duas. Inicialmente, o primeiro encontro foi com uma turma de 6º ano, vespertino. A professora-preceptora não poderia comparecer, e pediu para que eu e outros dois residentes pudessemos promover uma atividade em sala. Nos orientou para que escolhêssemos um livro da sala de leitura, contanto que tivesse vários exemplares para distribuir aos alunos; e após isso, trabalhar os elementos da narrativa aplicados no que foi lido.

Escolhemos um livro intitulado *Matinta Pereira do Sítio Santa Rita*. Era uma estória curta que proporcionou bastante engajamento entre a turma por ser uma narrativa popular no contexto amazônico. A leitura foi alternada: ora os residentes, ora os alunos. E também interativa: entre a leitura linear, havia espaço para os alunos fazerem comentários, se gostavam de tal personagem, que relação o texto escrito tinha a ver com o texto visual, se já tinham visto a *Matinta* também (se identificando com o relato), etc. Depois desse momento,

expomos noções básicas dos elementos da narrativa (Enredo, narrador, personagens, tempo, espaço), e identificamos, em conjunto, dentro da narrativa, seus os elementos.

Somado a isso, propus que os alunos fizessem uma leitura dramática do mesmo texto. Ficaram bastante entusiasmados com a ideia, todos ficaram atentos com os colegas que se manifestaram em representar os papéis. O que muitos professores poderiam considerar uma “bagunça” ou “perder o controle” da turma devido a euforia, de fato foi uma dinâmica que abarcou diversos sentidos positivos do ponto de vista da interação textual. A leitura dramática faz menção aos jogos teatrais, importantes meios de expansão do olhar sobre o texto, como SOARES (2015) explica:

Olhar, perceber, fruir e refletir sobre as cenas dos pares é algo que também influi na relação com a leitura. Como um treino para diferentes recepções. O acesso a um leque mais amplo de possibilidades interpretativas, fruições estéticas ou recepções, tanto no âmbito literário quanto no teatral (...). (SOARES, 2015, p. 236)

A atividade pode ser pautada contra um movimento anti-ético acusado por FREIRE (2021) quando se refere ao “professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia”. O teórico esse professor como transgressor dos princípios éticos.

Na outra semana, 22 de março, em uma turma do 7º ano (matutino), sob orientação da preceptora, trabalhei uma revisão sobre pronomes. Primeiramente, fiz um diagnóstico inicial sobre o que eles haviam estudo sobre pronomes, e fiz uma dinâmica em vista da habilidade EF07LP12 da BNCC: “Reconhecer recursos de coesão referencial: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos).” (BRASIL, 2018, p. 173.)

Assim, referente à colocação pronominal, promovi uma dinâmica em sala. Depois de revisar os conceitos, escrevi algumas frases no quadro nas quais o uso do pronome estava incorreto de modo a inferir da coesão da mensagem. Então pedi para que os alunos, apontassem qual pronome poderia ser usado e reescrevessem a frase no quadro. Em alguns casos, não sabiam apontar os dois desvios pronominais do oblíquo ‘mim’ em “mim dá pra mim fazer”. Refletimos sobre como o primeiro ‘mim’ tem o papel de ‘me’ e o segundo, tiveram mais dificuldade de entender que ele é utilizado pra substituir o substantivo. Foram boas trocas para discutir um pouco sobre variação linguística.

Considerações Finais

Em primeiro lugar, devo salientar a inauguração da sala de leitura como um momento ímpar que simbolizou o resultado de trabalho realizado em equipe. Um trabalho não apenas de elaboração da sala, como também, o resultado do afeto construído com pelos educandos da escola nos encontros os quais foi possível realizar até o momento. Entendo a importância de um espaço destinado à leitura dentro da escola, observei, sobretudo nos alunos que acompanhei, no momento da inauguração, um despertar mágico sobre o direito de ter um lugar como aquele. Percebo como ele pode ser uma porta de entrada para outros mundos.

Todavia, compreendendo, também, que a maioria das escolas de rede pública não comportam uma sala de leitura. Aqui me envolve o segundo ponto: como essa experiência fornece uma base excelente para difundir a educação em qualquer que seja o contexto da escola na qual eu for suceder o trabalho como educadora. Me cabe o ímpeto de lutar para que outras instituições tenham a oportunidade de entender que salas onde se promove a educação, vão além de um espaço físico.

A vivência com as preceptoras participantes do projeto, tem grande contribuição nesse decurso. Os saberes delas repassados, e a conseqüente aproximação em relação aos residentes, fazem com que as práticas docentes realmente sejam exercitadas com êxito. Junto a isso, as formações com conhecimentos, tanto técnicos quanto teóricos, que visam a área profissional, têm um papel importante para alcançar a almejada posição de professor-pesquisador.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Ensino-aprendizagem. Formação Docente. Letramento. Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SOARES, Mei Hua. **A leitura coletiva teatral** (dialogando com a escola). Via Atlântica. 2015, Vol.1 (28), p.233-248. Disponível em: [Vista do A leitura coletiva teatral \(dialogando com a escola\) \(usp.br\)](#). Acesso em: 17, abril, 2023.